



CONEDU

Congresso Nacional de Educação
18 a 20 de Setembro de 2014

REPRESENTAÇÕES DE MEIO AMBIENTE DE ALUNOS DE UMA ESCOLA DO CAMPO DE PAUDALHO/PE: POSSIBILIDADES PARA VIVÊNCIAS ECOPEDAGÓGICAS NO CURRÍCULO

Wagner José de Aguiar
Universidade Federal Rural de Pernambuco
E-mail: wagner.wja@gmail.com

Ana Cláudia Pessoa da Silva
Universidade Federal Rural de Pernambuco
E-mail: curinga.pessoa@gmail.com

Introdução

Tratar a inserção da Educação Ambiental (EA) no currículo escolar tem sido um movimento crescente no campo da pesquisa educacional. Trabalhos como o de Torales (2013) tem se debruçado sobre o assunto, ratificando o desafio que tem sido incorporar a EA de forma plena, conforme o Art. 10º da Política Nacional de Educação Ambiental (Lei Federal nº 9.795/99). Um dos avanços foi a recente criação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a EA (DCNEA) que, em seu Título III, vislumbra a EA na organização curricular.

Segundo as DCNEA, em Art. 15º e § 3º, “o tratamento pedagógico do currículo deve ser diversificado, permitindo reconhecer e valorizar a pluralidade e as diferenças individuais, sociais, étnicas e culturais dos estudantes, promovendo valores de cooperação, de relações solidárias e de respeito ao meio ambiente” (BRASIL, 2012). Nessa direção, situa-se a Ecopedagogia enquanto uma identidade da EA que promove a aprendizagem do sentido das coisas a partir da vida cotidiana, buscando resgatar o vínculo do ser humano ao Planeta, a partir das relações que estabelece com seu meio de vida.

Para Gadotti (2005), a Ecopedagogia não se opõe à EA, mas incorpora-a e oferece estratégias, propostas e meios para a sua realização concreta. Desse modo, promover a EA no currículo escolar precisa ser um movimento de mudança que não seja indiferente ao cotidiano dos alunos e nem às relações simbólicas de apreensão de determinados fatos ou processos, mas que as representações que os alunos trazem da sua realidade, do seu meio de vida, estejam no fundamento das práticas pedagógicas empreendidas na escola.



Partindo dessa consideração, o presente trabalho visa discutir representações de meio ambiente trazidas por alunos de uma escola do campo, a fim de que sejam identificadas e refletidas possibilidades para a promoção de vivências ecopedagógicas no currículo escolar. A proposta é de que os resultados apresentados possam trazer elementos capazes de orientar a promoção da EA no currículo da escola do campo, à luz dos princípios e das diretrizes que norteiam a Educação do campo enquanto paradigma.

Metodologia

Este trabalho é fruto de uma das ações do projeto de intervenção “Ciclo de vivências ecopedagógicas: promovendo o debate da sustentabilidade no currículo de uma escola do campo”, desenvolvido no âmbito do Curso de Aperfeiçoamento em Educação do Campo, promovido pela UFRPE através da Rede Nacional de Formação Inicial e Continuada de Profissionais da Educação Básica – RENAFOR/SECADI/MEC. O projeto foi realizado na Escola Municipal São Bernardo, situada em Paudalho, Zona da Mata Norte de Pernambuco.

Fundamentada na pesquisa-ação (THIOLENT,1986), a ação envolveu atividades de produção escrita com alunos do 4º e 5º anos do Ensino Fundamental, os quais foram instigados a produzir cartas à luz do seguinte tema gerador: “Cuidado com o Rio Capibaribe: uma responsabilidade de todos nós”. O propósito foi de, além de envolver os alunos num processo de leitura crítica de um problema socioambiental do seu cotidiano – uma vez que a escola situa-se às margens do rio alvo da problematização, identificar representações de meio ambiente trazidas pelos alunos.

Para produzir as cartas, os alunos foram instigados a identificar destinatários, considerados por eles como atores relacionados com a causa coletiva, além de trazer suas interpretações em relação ao problema, desde as suas origens até as suas consequências. Mediante a esses elementos, foram extraídos fragmentos textuais que demonstravam os significados trazidos pelos alunos. Para interpretá-los, foram tomadas neste trabalho as representações de meio ambiente na EA trazidas por Sauv  (2005).



CONEDU

Congresso Nacional de Educação
18 à 20 de Setembro de 2014

Resultados e discussão

As cartas produzidas possibilitaram a identificação de diferentes leituras em torno das origens e consequências percebidas para o problema, apontando para a presença de diferentes representações de meio ambiente. De uma forma geral, todas as cartas partilharam de uma representação comum, a de meio ambiente como *problema*, visto que o sentido da atividade envolvia a tomada de “consciência de que os problemas ambientais estão essencialmente associados a questões socioambientais ligadas a jogos de interesse e de poder, e escolhas de valores” (SAUVÉ, 2005, p. 318).

Nesse sentido, foram destacados trechos de algumas cartas:

Não jogue lixo no rio por causa do peixe pra ele não morrer.
(Aluno do 5º Ano)

Aí o rio pode secar, mas, sem o rio, nós não vivemos. Alguém pode ajudar este rio, para ele melhorar, para os peixes voltar a viver? (Alunos do 4º Ano)

E não deixe o rio poluído por causa dos peixes no rio, se não os peixes morrem e não vivem pra gente criar e se alimentar.
(Aluna do 5º Ano)

No primeiro trecho, a ausência de efeitos decorrentes da morte dos peixes leva a supor uma representação de meio ambiente como *natureza*, visto que é visível uma preocupação com a preservação um componente da fauna. Já no segundo e no terceiro, é sinalizada uma representação de meio ambiente como *recurso*, uma vez que fica explícito o sentido da conservação de um recurso comum – no caso dos trechos ilustrados, no segundo é situado o rio como meio de sobrevivência, e no terceiro os peixes como recurso alimentar.

De um modo geral, percebe-se que os três trechos comungam de uma consequência comum, a mortandade dos peixes. No entanto, a forma como cada aluno o retrata supõe um modo particular de relacionar-se com o problema e, portanto, um aspecto importante a ser considerado, do ponto de vista pedagógico. Pois, segundo Reigota (2007, p. 14), “o primeiro passo para a realização da educação ambiental deve ser a identificação das representações das pessoas envolvidas no processo educativo”.

Outra observação importante foi o fato de alguns alunos terem trazido em suas cartas o registro de um evento cotidiano que, na percepção deles,



CONEDU

Congresso Nacional de Educação
18 a 20 de Setembro de 2014

teria relação com o problema da poluição no Rio Capibaribe: a visita de romarias ao Santuário de São Severino dos Ramos. Situado próximo à escola e tido como um dos centros de romarias mais conhecidos e freqüentados de Pernambuco e do Nordeste, o Santuário recebe semanalmente a visita de grandes grupos e que, segundo os alunos, tem contribuído com o problema, conforme os trechos extraídos de duas cartas direcionadas ao Prefeito:

Senhor prefeito, mande, por favor, os protetores para ajudar o Rio Capibaribe. Mande logo porque todo dia de domingo os povos jogam lixo no rio em vez de jogar no lixo. (Aluno do 4º Ano)

“[...] e nos domingos os turistas jogam lixo na ponte, aí cai no rio.” (Alunos do 4º Ano)

Diante dos significados expressos nesses dois trechos, percebe-se a importância que um fato cotidiano pode assumir no sentido de trabalhar pedagogicamente a percepção do sujeito enquanto parte de um meio de vivência. Do ponto de vista da Ecopedagogia enquanto abordagem curricular, “os conteúdos curriculares têm que ser significativos para o aluno, e só serão significativos para ele, se esses conteúdos forem significativos também para a saúde do planeta” (GADOTTI, 2005, p. 21).

Nesse sentido, a realização de vivências ecopedagógicas no currículo se traduz num movimento de ressignificação do trabalho com a EA, na medida em que o educador busca conhecer as representações de ambiente que os alunos trazem, agregando os seus significados aos conteúdos explorados na escola. Afinal, segundo Sauv  (2005, p. 317), “mais do que uma educa o ‘a respeito do, para ou no, pelo ou em prol do’ meio ambiente, o objeto da EA   de fato, fundamentalmente, nossa rela o com o meio ambiente”.

Uma vez analisadas e discutidas as representa es, as vivências ecopedagógicas devem partir de um propósito que leve os alunos a refletir sobre a dimensão da responsabilidade coletiva (mediante aos diferentes destinatários identificados), bem como a importância de alguns princípios ecopedag gicos para a vida em sociedade, como a igualdade, a participa o, a solidariedade e a justiça. Afinal, como construir um senso de cidadania



planetária na ausência desses princípios? E que rebatimento isso traz para a Educação do Campo, já que foi nessa realidade que o trabalho teve lugar?

Conclusão

Diante dos resultados apresentados, pode-se concluir que as representações sociais assumem um papel fundamental na condução de um processo de ensino-aprendizagem, no sentido de considerar o currículo escolar como prática cultural e que tem, portanto, um reflexo na constituição identitária dos sujeitos. Tal conclusão se faz importante na medida em que se a contribuição que as práticas curriculares têm assumido face à necessidade de internalizar as particularidades do campo na formação do sujeito.

Ao situar a Ecopedagogia enquanto abordagem curricular, a proposta que se traz é de uma aproximação com uma identidade da EA cujos fundamentos partilham dos princípios que regem a Educação do Campo, já que, em ambos os paradigmas, a valorização da vida cotidiana e a formação para o cultivo da solidariedade e da sustentabilidade são aspectos fortemente evidenciados. Cabe, portanto, aos educadores e educadoras se apropriar dessas interfaces e buscar experimentar novas abordagens em suas práticas.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. Resolução CNE nº 2, de 15 de junho de 2012. Estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental. Brasília, DF, 2012.

GADOTTI, M. Pedagogia da Terra e Cultura de Sustentabilidade. **Revista Lusófona de Educação**, n.6, p. 15-29, 2005.

REIGOTA, M. **Meio ambiente e representação social**. 7ª ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SAUVÉ, L. Educação ambiental: possibilidades e limitações. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 2, p. 317-322, maio/ago. 2005.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 1986.

TORALES, M. A. A inserção da educação ambiental nos currículos escolares e o papel dos professores: da ação escolar a ação educativo-comunitária como compromisso político-ideológico. **Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, v. especial, p. 1-17, mar. 2013.
